



# Inspiração Miscelânea Arquivística

Edição nº 13 – Dezembro de 2011

## EDITORIAL

*"Que vantagem tem os mentirosos? A de não serem acreditados quando dizem a verdade". Aristóteles*

Quando pensamos ou falamos de ética, a primeira referência que temos é a dos "políticos corruptos e aéticos". Depois tem o jogador de futebol, o jornalista, o médico, o construtor, o empresário. Até traficante sem ética! Mas, e a ética nas Universidades? Os trabalhos copiados, os fichamentos alheios sendo reapresentados como se de própria autoria, e as colas nas provas? Isso também é antiético. Se estamos em um Centro Acadêmico, pressupõe que somos adultos, responsáveis e respeitamos as outras pessoas. Idealismo? Utopia? O que vemos e lemos nas redes sociais a cada dia demonstra que estamos longe disso. A todo o momento são "postadas" nessas redes frases desrespeitosas em relação a professores, que antes da profissão, são pessoas que acreditam estar dando o melhor de si para tornar os estudantes mais cultos. No mínimo.

E é refletindo sobre estas questões que gostaríamos de lançar no IMA a campanha: "SEJA ÉTICO"! Não adianta cobrarmos uma "faxina" no Congresso para acabarmos com os sem-ética, se na "nossa casa" nos comportamos como os que elegemos.

Nessa edição apresentamos os novos dirigentes do DCE e do DACAR e suas propostas; uma crônica de Carlos Drummond de Andrade e seu "Arquivo em dia de chuva"; a importância da seleção: Morro do Castelo e o Rio de Janeiro; a visita técnica ao Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular; e uma biografia livre de Paul-Michel Foucault.



**Expediente:**  
**Coordenação:** Themis Cunha –  
Marcelo Faria  
**Revisão:** Rosale Matos –  
João Marcus - Daniel dos Santos  
**Diagramação:** Themis Cunha  
**Colunista:** Bruno F. Leite  
**Divulgação:** Priscila Vaisman –  
Themis Cunha – Marcelo Faria

Equipe do IMA – 2011 / 2012





## “Manifesto contra a eliminação de Monografias e demais trabalhos de conclusão de cursos” - Continuem assinando.

<http://www.peticaopublica.com/Confirmacao.aspx?id=16342,24,585561>

## ELEIÇÕES DO DCE E DO DACAR

Durante os dias 22 e 23 de novembro, a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO foi palco de eleições para o seu Diretório Central dos Estudantes - DCE. Três chapas disputavam o pleito. Não interessa que neste espaço que me foi proporcionado defenda as idéias das chapas 1, 2 ou 3 ou analise de que forma as mesmas são influenciadas por partidos políticos ou quaisquer tipos de ideologia. Ao contrário, interessa que façamos uma reflexão sobre o que se espera do DCE, até porque o resultado já foi divulgado como eleita a chapa 2, que se propunha a ser uma oposição.

Ao caminhar pela universidade ou ao conversar com alunos de outros cursos fica claro que a UNIRIO vem passando por diversas mudanças. Muitos cursos novos foram criados nos últimos anos, mas a quantidade de docentes ainda é insuficiente. Some-se a isto a necessidade de alimentação a preço acessível, de áreas de convivência comuns e de lazer dentro da universidade, bem como melhorias estruturais na maioria dos prédios e salas. Todas essas demandas já são velhas conhecidas de todos que possuem alguma relação com UNIRIO.

Do DCE, enquanto uma entidade representativa do corpo estudantil espera-se que o mesmo esteja atento às demandas do dia a dia da universidade e trabalhe em conjunto com o restante dos

alunos. Espera-se que seja um movimento estudantil que, de fato, represente os estudantes e lute pelos interesses dos mesmos e que esteja mais próximo dos estudantes e de sua rotina. Um DCE acessível, questionador e propositor de soluções e recursos e que se posicione, principalmente, e em primeiro lugar por um ensino de qualidade é um desejo.

Em paralelo às eleições para o DCE, foi eleita a próxima gestão do Diretório Acadêmico de Arquivologia José Pedro Pinto Esposel – DACAR. É importante que todos os alunos do curso os reconheçam, pois também nos representam dentro da universidade e para tal venho através deste texto apresentá-los: Daniel Cavalcante (Diretor de Relações Externas), Tiago Cardoso (Diretor de Relações Internas), Paula Padilha (Diretora de Comunicação), Samuel Souza (Diretor Financeiro) e Jéssica Nascimento (Diretora Geral). Em nome de toda a equipe do IMA, venho dar as boas-vindas a essa nova gestão e expressar meus votos de que eles consigam promover uma maior visibilidade do curso de Arquivologia dentro da UNIRIO, e que promovam a maior integração entre os alunos do curso, bem como incentivem os graduandos para uma maior participação na área de Arquivologia.

Priscila Soares Vaisman  
Curso de Arquivologia

## ARQUIVO EM DIA DE CHUVA

Chove. Além de ensopar as pessoas, a chuva desmoraliza as agendas de compromissos. Não se cumprem os encontros marcados se a Cidade ficou alagada, os carros enguiçaram os telefones idem. Com o indivíduo preso em casa, a ocasião é boa para mexer em papéis, reler cartas esquecidas, rasgar recibos de contas velhas e até mesmo o que julgávamos relíquias para a eternidade e são apenas letras fanadas.

Arquivo tem isso: ao atingir certas proporções, é necessário jogar fora pelo menos um terço do acervo. Uns preferem queimar o passado,

outros o atiram à lixeira. Tétrica é a opção do Ministério da Educação e Cultura, que preferiu incluir na lista telefônica do Rio o telefone 264-6378 com este dado: “Depósito Arquivo Morto”. Haverá nada mais morto do que um arquivo morto, conservado em depósito? Imagino fantasmas de requerimentos, lêmures de despachos e certidões, abantesmas de atas, tentando forçar as pastas, as gavetas do lúgubre cemitério burocrático, e letreiros fosforescentes nas paredes tristes: “Never more”. “Requiescat in pace.” “Acabou.”



Chove. Meu arquivo pessoal já não cabe no apartamento, ou melhor, não cabe em mim mesmo. Aproveitarei a chuvarada para despojá-lo do que perdeu importância, se é que a teve, e está guardado por negligência. Por que veio parar aqui esse programa de cinema do Metro - Copacabana, anunciando Pic-Nic, de William Holden? O Metro foi demolido, o ator acaba de morrer; não há razão para conservar este farrapo de noite velho. E esses cartões com votos de felicidade que, renovando-se a cada ano, perderam a validade, pois cada um se referia a um Natal e Ano Novo, e cessou o período de vigência curta.

Guardei esta cópia de carta porque me pareceu que devia reservar para meus netos e bisnetos a comprovação de uma atitude amadurecida em noite de vigília. Como custou escrevê-la. O número de linhas riscadas é maior do que o de linhas definitivas. Que significa isso? Nem me lembrava mais do caso, e vou pretender que meus descendentes se interessem por ele? Mal consigo explicar a vaidade que me induziu, já não digo a guardar esta carta, mas a escrevê-la. Não sinto mais a irritação que a ditou, o empenho literário que a poliu. Teria sido tão mais simples não redigi-la.

Já esta outra cópia tem a nota: “Não remetida.” Devo ter sofrido influência de André Gide, que tinha o hábito de escrever e não botar no Correio. Escrevendo, lavava a alma; para que remeter, se a alma já estava lavada? Tarde aprendi que bom mesmo é dar a alma como lavada, sem o trabalho de escrever uma linha. Para o chamado escritor, nada melhor, afinal de contas, do que não usar a faculdade da escrita. Podem acusá-lo de preguiçoso, de incompetente ou das duas coisas ao mesmo tempo; ele tem lá suas razões para furtar-se ao árido exercício de converter idéias e sentimentos em palavras apropriadas, e não simplesmente aproximadas.

Surgem fotografias. Reuniões a que a gente comparece por obrigação e das quais não ficou o mais leve traço na vida. Esses cavalheiros, essas

senhoras estão inaugurando qualquer coisa e sorriem porque convém fazer cara alegre em vez de cara triste ou entediada. Há uma fita que vai sendo cortada. Não aparecem, mas discursos detonam como de preceito. Não sou eu que estou ali, de roupa escura, sorrindo ou fingindo ouvir, é um ser convencional que às vezes tenho de assumir por força da sociedade. Rasgo.

Rasgo cartas e bilhetes indiferentes, de pessoas indiferentes, que nem sei mais quem são, mas um dia cruzaram na minha vida, deixando uma sombra de papel.

Também escrevi coisas assim para centenas de pessoas, que talvez a esta hora estejam praticando a mesma faxina, graças à chuva. Em algum lugar do Brasil, rasgam-me por efeito de chuva. As correspondências de velhos amigos que se forma ou ainda vivem (que crueldade intrínseca nesta palavra: ainda!), estas não deviam ficar misturadas, por mesquinha ordem alfabética, a papéis que já não dizem coisa alguma, como de resto a quase totalidade dos papéis, tempos depois de escritos. Aquelas me doem porque não usei envoltórios plásticos transparentes para conservá-las livres de estrago pelo manuseio e pelo tempo. Devia abrir com frequência maior as pastas em que se encontram. Sei o que essas cartas dizem, mas é doce fingir que ignoro o conteúdo, e tomar conhecimento dele por mais uma primeira vez.

Onde estão Rodrigo e Aníbal e Mário e Emílio e Manuel e Milton e Alberto e outros, outros? Espalhados sob lápides e inscrições? Não; estão aqui, comigo, a um metro de distância, conversáveis, conversando. Sem emissão de voz; a letra é voz, a caligrafia fala.

Cartas de pais e irmãos formam outro bloco vivo de acontecimentos, lembranças, coisas indeléveis, de uma doçura venenosa, de tão funda. Todos foram-se embora. Todos ficaram. Paro de revolver guardados num poço sem fundo, chamado arquivo. A chuva começa a serenar. Ainda bem.



## IMPORTÂNCIA DA SELEÇÃO E A SELEÇÃO DA IMPORTÂNCIA: OS DOCUMENTOS SOBRE O MORRO DO CASTELO E A MODERNIZAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

No dia 17 de agosto de 1920, Carlos Cesar de Oliveira Sampaio, o então prefeito da cidade do Rio de Janeiro, assinou o decreto de arrasamento do morro do Castelo intensificando a discussão entre o arrasamento do morro *versus* sua urbanização e embelezamento<sup>1</sup> O morro foi demolido em 1922, circunscrito no discurso modernista da época.

Augusto Malta, que foi fotógrafo oficial da prefeitura do Rio de Janeiro, entre 1903 e 1933, retrata momentos de antes e depois do decreto de Carlos de Cesar Oliveira Sampaio. Ambos – Malta e Sampaio – produziram documentos que fazem parte de um mesmo arquivo, e tratam, genericamente, do mesmo assunto. Esses dois personagens produziram documentos para cumprimento de suas funções, logo, produziram documentos de caráter administrativo, nos quais identificamos seu valor primário.

Porém, tais documentos, atualmente, como sabemos, possuem valor secundário. Isso porque foram preservados e servem como fonte para pesquisas e provas. Hoje, estes documentos de arquivo são o que nós, Arquivistas, Historiadores, Sociólogos, Antropólogos, etc. reconhecemos como fontes de pesquisa, ou fontes primárias. Mas, antes de tudo, especificamente para nós, Arquivistas, estes documentos só são passíveis de consulta hoje, pois foram identificados/atribuídos de valor secundário. Estes documentos tiveram um longo caminho até chegarem a ser citados neste artigo e, mesmo assim, são resultados de uma ação humana, facilmente, imperfeita e parcial.

Percebe-se, então, que os documentos acima citados têm certo destaque, se comparados a outros pertencentes ao mesmo arquivo. Desta maneira, pode-se, a *priori*, estabelecer graus de relevância dentre documentos de um mesmo arquivo, sejam relevâncias históricas, jurídicas ou administrativas. Quero, com este artigo,

explicitar que os arquivos, principalmente os permanentes, são resultado de escolhas, assim como os usos que serão feitos deles. Seleccionamos, com recorrência, o que é importante e o que não é. Isso não é diferente num processo de pesquisa. Seleccionamos, ainda, o que terá acesso e o que não terá. Mas, dentro desta perspectiva, poderíamos entrar noutra discussão, que deixarei para uma próxima edição.



Foto de desmonte do morro.

(Fonte: <[http://transbordarquitectura.blogspot.com/2011/02/maravilha-que-queremos-para-zona\\_18.html](http://transbordarquitectura.blogspot.com/2011/02/maravilha-que-queremos-para-zona_18.html)> Acesso em: 11/12/2011)

Como este é meu primeiro artigo como Colunista do IMA, vou terminar por aqui, sem me estender muito. Nos próximos artigos buscarei continuar discutindo os usos dos documentos de arquivo como um campo de estudo da Arquivologia.

Por fim, gostaria de registrar que é um prazer para mim, que fui um dos fundadores deste projeto, ainda quando estava no 5o período do curso de Arquivologia, estar agora participando como Colunista. Espero poder corresponder às minhas expectativas como Colunista: escrever textos relevantes para a nossa área (e, quem sabe, para além dela).

*Até a próxima edição.*

<sup>1</sup>PAIXÃO, C. M. Q. . Imagens de um morro condenado: o morro do Castelo pelas lentes de Augusto Malta (1912-1922). In: Jorge Ferreira. (Org.). As Repúblicas no Brasil: política, sociedade e cultura. Niterói: Editora da UFF, 2011, v., p. 29-45.



## VISITA TÉCNICA: OPORTUNIDADE DE EXPERIMENTAR E CONHECER

Por Ana Renata Tartaglia

(com a colaboração de Andréa Virginia, Joseni Mendes e Suzana Nunes)

Como estudante do curso de Arquivologia da UNIRIO tive a oportunidade de acompanhar alguns professores em visitas técnicas a importantes instituições custodiadoras de arquivos. Com o professor João Marcus, logo no início da faculdade, pude visitar o Arquivo Nacional “por dentro”, conhecer vários setores e seus funcionários, desde o atendimento até área de guarda dos documentos. Depois, com a professora Rosale, voltei ao Arquivo Nacional para uma visita a Coordenação de Documentos Escritos, a CODES. Por último, novamente com a incansável professora Rosale, visitei a Biblioteca Amadeu Amaral dentro do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.

Esta última visita, realizada no dia 23 de novembro, representou parte das atividades da disciplina de Representação da Informação Arquivística oferecida neste semestre em Tópicos Especiais. A disciplina procura discutir os processos de classificação e representação da informação para um resultado mais eficaz na busca e localização da mesma. Como a discussão em classe era o Controle de Vocabulário, tivemos como objetivo da visita técnica ao CNFCP conhecer a elaboração e a utilização do tesauro na instituição e analisar a metodologia de construção do vocabulário controlado. Nesta visita foram apresentados, além do tesauro, os acervos bibliográficos, arquivístico e sonoro-visual da instituição que se localizam na Biblioteca.

O CNFCP é atualmente a única instituição pública federal responsável por desenvolver programas referentes ao registro e à difusão dos saberes e fazeres populares na cultura brasileira. Conhecido popularmente como o Museu do Folclore teve como fundadores os intelectuais e estudiosos do folclore brasileiro Renato Almeida, Luís da Câmara Cascudo, Manuel Diégues Júnior e Edison Carneiro.

A visita foi conduzida pela funcionária Maria

Rosário de Fátima Pinto, formada em Letras e pela Diretora da Biblioteca, Marisa Colnago Coelho, bibliotecária e a arquivista Doralice Vidal. A primeira parte da visita foi a exposição da metodologia de construção do **Tesauro de Folclore e Cultura Popular**, através de uma apresentação elaborada especialmente para a nossa da turma.



A diretora Marisa conversando com a Professora Rosale (à esquerda).

O tesauro é uma linguagem documentária, controlada e dinâmica, que consiste em um vocabulário controlado composto de termos, das relações entre eles e de notas explicativas que permitem uma padronização temática no tratamento dos documentos e facilitam a recuperação da informação.

Para a elaboração do seu tesauro, o CNFCP contou com a importante contribuição de seus profissionais para a sugestão dos termos mais usados visando à indexação (e também dos menos usados para se fazer as remissivas), dos termos semelhantes usados para atividades diferentes ou das atividades iguais com termos distintos, levando-se em conta que a variação de vocabulário depende da região do país. A construção de um tesauro de cultura brasileira é complexa, pois tem que observar os falares distintos de um povo espalhado em uma extensão de território continental. Como é freqüente a existência de um termo com variados significados e vice-versa, todos os termos utilizados tem



uma nota de aplicação definindo o seu uso. Durante a exposição do tesouro, as funcionárias citaram exemplos das dificuldades enfrentadas na sua construção:

- a definição do significado de **Ex-Voto**;
- os diferentes termos para um mesmo significado como **cafifa**, **pipa** ou **papagaio**;
- e um termo para diferentes significados como **Ciranda**, que pode se referir tanto a dança de roda quanto a baile, e **Fandango**, que pode ser baile, folguedo ou dança.

A participação das pessoas na construção de um tesouro é sempre um desafio, pois envolve os valores e os olhares de cada um influenciando o desdobramento das discussões. Para que se tenha maior precisão na estruturação dos termos, é necessário um levantamento lingüístico, histórico e semântico. Desta maneira, além de determinar mais precisamente quais os termos indexadores que auxiliarão o usuário na busca da sua informação, constrói-se um instrumento com maior cientificidade, como é indispensável em nossa área.

Por tudo que foi visto e ouvido no CNFCP, posso garantir que nem mesmo uma vasculhada profunda no *site*

me daria o conhecimento adquirido na visita. A oportunidade de estar com profissionais que participaram diretamente de aspectos fundamentais no tratamento da informação de suas instituições, só foi possível através deste contato. As visitas técnicas são mais que uma chance de visitar oficialmente uma instituição e tão pouco são apenas parte de uma atividade curricular. Elas envolvem mais. Primeiramente elas envolvem a disponibilidade do professor em levar os alunos para conhecer determinada instituição e travar contato com os seus profissionais. De outro lado elas envolvem também a disponibilidade dos alunos (muitos impossibilitados por conta de seus estágios ou trabalhos, eu sei) em se deixarem participar desta atividade tão fundamental.

As visitas técnicas são importantes chances de se conhecer e experimentar, mesmo que superficialmente, alguns dos desafios que encararemos em um futuro bastante próximo. Por isso, na próxima oportunidade que você tiver, ouça o meu conselho: faça o que estiver ao seu alcance para participar. Certamente o beneficiado será você.

## FOUCAULT PARA O JOVEM ARQUIVISTA

Aluf Alba Elias<sup>2</sup>  
alufelias@gmail.com

Uma das sensações mais gratificantes que se tem ao lecionar é o retorno dos alunos, o seu interesse na descoberta e a curiosidade pelo vasto campo de pesquisa à sua frente, com diversas trilhas a seguir, cada uma levando a uma direção diferente e a novas possibilidades. Uma das trilhas que se oferecem aos que seguem a carreira de Arquivista é a de pensar o Arquivo pela ótica que oferecem os grandes filósofos.

Ainda como estudante da graduação de Arquivologia, notava com admiração o empenho da saudosa Professora Maria Odila da

Fonseca para transmitir seu encantamento diante à filosofia de Michel Foucault. Sua aplicação às práticas arquivísticas, no entanto, não ficava muito clara àquele punhado de alunos embebido em um tecnicismo nocivo à sua formação. Era preciso abrir as mentes e fazer fluir o pensamento, dizia ela. Muitos o fizeram e como fruto estamos aqui para compartilhar com outros tantos esse encantamento revestido de possibilidades para a ampliação dos estudos no campo da Arquivologia. Falaremos, então, um pouco sobre a vida e obra de um dos mais importantes

<sup>2</sup>Bacharel em Arquivologia pela UFF (2005) e mestranda em Ciência da Informação IBICT/UFRJ. Ministra a disciplina Projetos Arquivísticos (UNIRIO)



filósofos da contemporaneidade.

Paul-Michel Foucault nasceu em 15 de outubro de 1926, em Poitiers (França). Filho de uma tradicional família de médicos, inclinou seu interesse, desde cedo, aos estudos da história e da filosofia, contrariando a vontade de seu pai que queria vê-lo médico cirurgião.

Em 1945, com apoio de sua mãe, mudou-se para Paris a fim de ampliar seus estudos. Nesta época foi aluno do filósofo Jean Hyppolite, que lhe apresentou à obra de Hegel. Em 1946 entraria para a *École Normale*.

De temperamento introspectivo, tornou-se solitário, agressivo e irônico. Tentou, inclusive, o suicídio (1948), iniciando em seguida um tratamento psiquiátrico. Alguns autores consideram este como o momento de sua imersão no mundo da psicologia, psiquiatria e psicanálise. Provavelmente há relação deste período com sua imersão nas leituras de Platão, Hegel, Marx, Nietzsche, Husserl, Heidegger, Freud, Bachelard, Lacan e outros, com aprofundamento em Kant, muito embora criticasse a noção do sujeito enquanto mediador e referência das coisas, já que, para ele, o homem seria um produto das práticas discursivas.

Licenciou-se em Filosofia e psicologia pela Sorbone, filiando-se em seguida (1950) ao Partido Comunista Francês, do qual logo se afastou devido a divergências de doutrina. Como professor, Michel Foucault, atuou em diversas universidades pelo mundo, escreveu para jornais e também trabalhou algum tempo como psicólogo em hospitais psiquiátricos e prisões. Teve oportunidade de viajar pelo mundo levando suas idéias através de conferências quase sempre lotadas. Ao mudar-se para Suécia (1955) conheceu Georges Dumézil, figura importante para a evolução de seu pensamento. Na oportunidade, se relacionou como amigo e aluno de grandes

intelectuais como Jean-Paul Sartre, Jean Genet, Canguilhem, Gilles Deleuze, Merleau-Ponty, Henri Ey, Lacan, Binswanger etc.

Em 1954, com 28 anos, publica *Doença Mental e Psicologia*. Entretanto, é em 1961 com a publicação da *História da Loucura* que se firma como filósofo, embora detestasse essa referência. Gostava de ser tratado como "arqueólogo", ou seja, aquele que se dedica à "exumação" do que existe de mais profundo numa cultura ou sociedade. Esta perspectiva acompanhou seus trabalhos seguintes: o arqueólogo do silêncio imposto ao louco no seu livro *O Nascimento da Clínica* (1963); das ciências humanas com *As Palavras e as Coisas* (1966); e do saber em geral com *A Arqueologia do Saber* (1969) – este último muito importante para a Arquivologia!

A primeira virada na obra de Foucault veio com a obra *Vigiar e Punir* (1975), que trata de um estudo sobre a questão da disciplina na sociedade moderna, na sua visão "uma técnica de produção de corpos dóceis". Analisando os processos disciplinares empregados nas prisões, os considerou como exemplos da imposição às pessoas de padrões "normais" de conduta, muitas vezes forjados pelo sistema social vigente. Com este trabalho pode explicitar sua apreensão da noção de que as formas de pensamento são também as relações de poder, que implicam à coerção e imposição.

Propõe que é possível lutar contra a dominação representada por certos padrões de pensamento e comportamento. Entretanto, reconhece a impossibilidade de escapar completamente a todas e quaisquer relações de poder. Este é o aspecto mais criticado de sua teoria.

Infelizmente deixou inacabado seu maior e mais pretensioso projeto: a *História da Sexualidade*. Este trabalho pretendia



evidenciar como a sociedade ocidental fez do sexo um instrumento de poder, não por meio da repressão, mas da expressão. O primeiro dos seis volumes prometidos foi publicado em 1976 com o título de *A Vontade de Saber*, dando seqüência com *O Uso dos Prazeres* (1984) - onde analisa a sexualidade na Grécia Antiga – e depois com *O Cuidado de Si* (1984) - que trata da Roma Antiga- Foucault foi ativista em diversos movimentos políticos. Engajou-se em disputas políticas nas Guerras do Irã e da Turquia. O Japão é também um local de discussão para Foucault. Esteve no Brasil, onde realizou conferências e estabeleceu amizades. O Brasil, inclusive, foi palco de umas das mais importantes conferências sobre seu trabalho intitulado *A Verdade e as Formas Jurídicas*, ocorrida na década de 1970, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Os Estados Unidos atraíram Foucault em função do apoio à liberdade intelectual e em função de São Francisco, cidade onde Foucault pode vivenciar algumas experiências marcantes em sua vida pessoal no que diz respeito à sua homossexualidade.

Para finalizar, destacamos como a mais marcante contribuição da filosofia de Michel Foucault para a Arquivologia (e outras áreas do conhecimento em geral) é o deslocamento radical no pensamento histórico, que desviou seu foco de “objetos” para “práticas”, para as condições de constituição e emergência dos objetos enquanto temas da própria pesquisa histórica.

A construção dessas idéias levou o autor a pensar sobre a questão do Arquivo e seu papel no construto social. Foucault definiu o arquivo como “o sistema da formação e da transformação dos enunciados”.

Em sua abordagem sobre Arquivo, o

sugere como dispositivo de afirmação/construção dos saberes, relativizando a questão do documento (de arquivo) como um “monumento” repleto de intenções futuristas. O autor apresenta o documento (arquivo) sendo um instrumento historicizado, portanto, negando sua idéia forjada de legado verdadeiro do passado e afirmando o papel do pesquisador e da sociedade em transformá-lo, oferecendo-lhe uma elaboração, um estatuto.

Essas ideias causam muito impacto para a disciplina Arquivística, principalmente na corrente mais clássica, pois a partir desta perspectiva o Arquivo perde sua “pureza” e imutabilidade e passa se tornar algo maleável, que se transforma conforme a manipulação.

Em 25 de junho de 1984, aos 57 anos, Foucault morre, mas deixa um grandioso legado a ser explorado.

O que tentamos discutir aqui é ínfimo se levarmos em consideração a potencia de seu trabalho e os possíveis entrelaçamentos com os estudos dos arquivos.

Sigam em frente, Foucault é todo de vocês.

## Referências

VEYNE, Paul. **Foucault** – seu pensamento, sua pessoa. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Sítio UNB

<<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/>>

Acesso em 20 de out 2011.



## NOTÍCIAS

A Plenária final da I Conferência Nacional de Arquivos – CNARQ aprovou propostas, como: “O CONARQ será a instância máxima de deliberação da política nacional de arquivos e exercerá as seguintes funções: formulação, implementação, monitoramento, acompanhamento, avaliação e orientação normativa;”

E moções, como:

“6 – A Plenária da I CNARQ apóia a criação do Conselho Federal de Arquivologia”. Confira os textos aprovados.

Conheça todas as propostas e moções aprovadas.



**FONTE:** Arquivística & Sociedade

### I CONFERÊNCIA NACIONAL DE ARQUIVOS – I CNARQ

15 A 17 DE DEZEMBRO 2011 – BRASÍLIA

### PROPOSTAS E MOÇÕES APROVADAS NA PLENÁRIA FINAL

Saiba mais na próxima edição do IMA ou no site:

<http://www.arquivista.net/2011/12/19/propostas-e-moco-es-aprovadas-no-i-cnarq/>

#### MONOGRAFIAS, SAIAM DAS GAVETAS!

Sem enrolar: estamos convidando a TODOS! que estão concluindo ou concluíram o curso recentemente a nos enviar um artigo, de no máximo duas laudas, sobre o assunto tratado em suas monografias.

Portanto, contribuam com o nosso jornal e exponham suas monografias aos leitores da área de Arquivologia. Vamos lá, participe!

#### INTERAÇÃO COM O LEITOR

Mande sua mensagem, crítica ou sugestão para o e-mail: [inspiracaom@gmail.com](mailto:inspiracaom@gmail.com) Visite a nossa página no Facebook e no Twitter.

Obs.: Este espaço é destinado a textos curtos. Caso queira nos enviar um artigo, crônica, poesia, etc. leia antes a nossa linha editorial no site: <http://inspiracaomiscelanea.tk/>

Aguardamos a sua participação!

**Abra o anexo com nossa mensagem de final de ano**